

Novo governo Reação do mercado

# Bolsa cai 3% e dólar vai a R\$ 5,35 após primeiros atos de Lula na economia

— Presidente fala em rever regra trabalhista, tira empresas da lista de privatização e indica intervenção maior na política econômica; analistas cobram definições de Haddad

Os primeiros atos do novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), apontando para uma gestão mais intervencionista na economia, e a falta de maiores detalhes sobre qual será a agenda do ministro Fernando Haddad ligaram o sinal de alerta entre investidores no mercado financeiro.

Ontem, no primeiro dia útil após a posse de Lula, o Ibovespa – principal referência da B3, a Bolsa brasileira – registrou queda de 3,06%, aos 106.376 pontos. O indicador foi influenciado pelo desempenho dos papéis de empresas estatais: as ações do Banco do Brasil perderam 4,23%, enquanto as da Petrobras recuaram mais de 6%. Já o dólar fechou em alta de 1,51%, cotado a R\$ 5,3597.

A leitura dos analistas é a de que Lula não abordou no seu discurso de posse os principais pontos de atenção dos investidores com a economia brasileira, em especial sobre qual será a nova regra fiscal do País – em substituição ao teto de gastos – e sobre como o governo planeja encaminhar uma reforma tributária.

“Ao longo do ano, os mercados tentaram identificar o que pode vir a ser esse governo Lula 3 na economia. Na campanha (presidencial), o discurso era o mesmo, e o mercado já vinha precificando um pouco

isso, mas sempre com aquela expectativa de que, depois da eleição, o discurso mudaria. Mas ele não mudou”, afirmou Silvio Campos Neto, economista da consultoria Tendências. “É uma linha (de discurso) muito intervencionista, estatizante e que acredita nesse poder do Estado indutor.”

Na posse, Lula prometeu rever políticas mais liberais, como a reforma trabalhista e as privatizações de estatais, e chamou o teto de gastos de “estupidéz”. O presidente também defendeu o controle pelo Estado de empresas estatais e de bancos públicos para preservar o “patrimônio nacional”.

Ainda no domingo, Lula fez um “revogação” de atos do ex-presidente Jair Bolsonaro. Na economia, ele retirou do processo de privatização empresas como Petrobras, Correios e EBC. Ele também já manifestou o interesse em abandonar a paridade de preços internacionais adotada pela petroleira.

“Eu não sei de onde o mercado tirou a ideia de que o discurso de Lula seria diferente. Ele não mentiu para ninguém. O que o presidente disse ontem (domingo) é o que ele vem falando há 40 anos e nos últimos meses”, afirmou Sergio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados.

Leitura semelhante foi feita

no mercado em relação ao discurso de posse de Haddad no Ministério da Fazenda, em cerimônia realizada ontem cedo. Executivos destacaram que o novo ministro “tem tentado falar a linguagem do mercado”, mas ainda sobram dúvidas sobre o seu grau de independência no cargo em relação ao grupo político próximo de Lula.

“Os discursos de Lula e de Haddad deixaram o mercado com o pé atrás.”

Reginaldo Galhardo  
Corretora Trevisco

“É uma linha (de discurso) muito intervencionista, estatizante e que acredita nesse poder do Estado indutor.”

Silvio Campos Neto  
Consultoria Tendências

Haddad reafirmou que irá apresentar já nos primeiros dias do novo governo medidas econômicas necessárias para retomar a confiança de investidores. Também disse que deve definir no primeiro semestre uma nova regra fiscal para o País. “Não estamos aqui para aventuras. Estamos aqui para assegurar que o País volte a

crescer para suprir as necessidades da população em saúde, educação, no âmbito social e, ao mesmo tempo, para garantir equilíbrio e sustentabilidade fiscal”, disse ele.

**DISPUTA NO GOVERNO.** Os investidores reagiram mal à decisão do presidente de editar uma medida provisória para renovar por dois meses a isenção dos impostos federais sobre a gasolina, e por tempo indeterminado para o diesel e gás de cozinha. A decisão foi vista como uma derrota de Haddad dentro do governo. Antes da posse, ele havia pedido para o ex-ministro da Economia Paulo Guedes não prorrogar a desoneração de impostos sobre combustíveis, o que ajudaria a melhorar as contas públicas do governo, num cenário complicado depois da aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição.

“Os discursos de posse do presidente Lula e do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, deixaram o mercado com o pé atrás, principalmente pela manutenção da desoneração dos combustíveis, ao contrário do que foi negociado por Haddad com o ex-ministro Paulo Guedes”, disse Reginaldo Galhardo, gerente de câmbio da corretora Trevisco. “A percepção é de que pode haver forte interferência do presidente nas pautas

econômicas”, afirmou.

Na leitura de Vale, da MB Associados, Haddad não se coloca como um contraponto ao presidente Lula, uma vez que os dois pensam da mesma forma. Ainda de acordo com ele, ambos estariam errados: o ministro, ao focar suas ações para equilibrar as contas públicas em aumento da arrecadação, em vez de privilegiar a redução de despesas; e o presidente, ao manter a desoneração pautada por critérios políticos.

“Se estivéssemos falando em uma prorrogação por 15 dias, tudo bem. Mas são dois meses. Na verdade, essa desoneração não era nem para ter acontecido. O erro de nascimento é do governo anterior”, afirma, considerando erro econômico e ambiental. Segurar preço de combustível sob o argumento de controlar a inflação, lembra Vale, foi um dos erros da gestão da ex-presidente Dilma Rousseff na visão do mercado.

No caso da atual desoneração, a medida foi adotada às vésperas da eleição pelo então presidente Jair Bolsonaro para tentar segurar os preços nas bombas e melhorar seu desempenho nas pesquisas de intenção de voto. ● FRANCISCO CARLOS DE ASSIS, LUIZ GUILHERME GERBELLI, MARIA REGINA SILVA E SIMONE CAVALCANTI

EM DISCURSO DE POSSE, HADDAD REJEITA ‘AVENTURAS’ E ‘BALA DE PRATA’. PÁG. B2

Novo governo Indicação de rota

## Em discurso de posse, Haddad rejeita ‘aventuras’ e ‘bala de prata’

Ministro da Fazenda fala em ‘arrumar a casa’; para presidente da Febraban, nova âncora fiscal deveria ser prioridade

ADRIANA FERNANDES  
ANNA CAROLINA PAPP  
BRASÍLIA

Sem “aventuras” na política econômica e nem malabarismos financeiros, prometeu ontem o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no seu discurso de posse no cargo, marcado pelos compromissos assumidos de trabalhar para a recuperação das contas públicas, o combate à inflação, a democratização do acesso ao crédito e a apresentação de projeto de uma nova âncora fiscal para o País.

A cerimônia começou diferente por um padrão sempre suscitado dos eventos da área econômica em Brasília. A cantora Mylla Muniz, acompanhada dos músicos Alberto Sales ao violão e José Osório Ferreira no violoncelo, can-

tou o Hino Nacional. No discurso, Haddad disse que vai “arrumar a casa”. Falou para o mercado financeiro e também para os apoiadores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do PT. Para o mercado, disse que “um Estado forte não é um Estado grande ou obeso” e que não é dogmático, mas pragmático. Aos aliados, disse que é preciso assegurar a retomada do crescimento. “Não estamos aqui para aventuras. Estamos aqui para assegurar que o País volte a crescer para suprir as necessidades da população em saúde, educação, no âmbito social e, ao mesmo tempo, para garantir equilíbrio e sustentabilidade fiscal.”

Assumindo um ministério com menos poder do que o de Paulo Guedes no governo Bolsonaro, Haddad fez referência ao título dado pelo ex-presidente ao seu ministério da Economia. “Se antes havia um posto Piranga, agora somos uma rede de postos. Não existe máquina, nem bala de prata”, afirmou. Haddad disse ainda que o fim do orçamento secreto, esquema de compra de apoio político



Haddad durante a cerimônia de posse no Ministério da Fazenda

revelado pelo Estadão e declarado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF), é ponto de partida para “recuperar o País”. Mas pregou o diálogo político com o Congresso, inclusive com os adversários. O ministro da Fazenda criticou as medidas econômicas adotadas no último ano da gestão Bolsonaro. “Os atos na política econômica do País em 2022 foram dos golpes mais dan-

ros que eles desferiram contra o povo, eletoralmente. Não apenas contrariaram o bom senso; foram deliberadamente irresponsáveis para tentar evitar o inevitável: acabar com esse projeto autoritário”, afirmou. O ministro disse ainda que “não gostei de trabalhar com remédios” e que irá apresentar de imediato as medidas econômicas necessárias para retomar a confiança de investido-

res. “O que nós precisamos é de uma política ganha-ganha para o povo e para os investidores”, afirmou.

“SEM FLA-FLU”. O ministro agradeceu aos deputados e senadores presentes pela aprovação da Proposta de Emenda à Constituição da Transição. “Ela agradou a alguns e desagradou a outros. Mas, sem ela, o compromisso não seria organizado. Não se trata de Fla-Flu.”

A posse teve muitos e diversos convidados, mas faltaram empresários do setor produtivo, com muitos eventos. Entre os banqueiros, Neca Setúbal, do Itaú Unibanco, e Luiz Carlos Trabuco, presidente do conselho de administração do Bradesco.

Representante dos banqueiros, o presidente da Febraban, Isaac Sidney, disse ao Estadão que Haddad encontrará uma conjuntura econômica bem mais desafiadora, e que será importante ele atuar como contraponto ao burocratismo do ajuste fiscal. “Até em resposta a pressões orçamentárias que surgiram dos demais ministérios.”

Para Isaac, o novo ministro precisará, o quanto antes, indicar uma âncora fiscal crível para substituir o atual regime de teto de gastos. “Ouvi com atenção a fala do Haddad no discurso de posse, e percebi claras mensagens na direção da sustentabilidade da dívida pública, mas termos de aguardar as ações concretas que ele precisará fazer.”

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** Economia & Negócios **Caderno:** B **Página:** 1 e 2